https://doi.org/10.34632/gestaoedesenvolvimento.20XX.nXX

Data de receção: 27/07/2026
Data de aceitação: 12/10/2026

REFLEXÕES SOBRE OS MOMENTOS FUNDACIONAIS DA VIDA NA TERRA PARA ENTENDER A ATUALIDADE: A CONSCIÊNCIA HUMANA, A CRISE CLIMÁTICA, AS GUERRAS PELO CONTROLO DO PETRÓLEO E O PODER DA AÇÃO CIDADÃ

REFLECTIONS ON THE FORMATIVE MOMENTS OF LIFE ON EARTH TO UNDERSTAND THE PRESENT: HUMAN CONSCIOUSNESS, THE CLIMATE CRISIS, WARS OVER CONTROL OF OIL, AND THE POWER OF CITIZEN ACTION

Albino Lopes [1] ***orcid.org/0000-0001-8836-0024***
Fernando Romana [2] ***orcid.org/0000-0002-9221-2099***
Luis Barrosa [3] ***orcid.org/0000-0002-4802-1420***
Alfredo Sendim [4]

Duas coisas enchem o nosso coração de admiração e de respeito:
"o céu estrelado acima de nós e a lei moral dentro de nós".
(Immanuel Kant, no final da obra "Crítica da Razão Pura")

[1] Prof. Catedrático Jubilado do ISCSP – Universidade de Lisboa.
Email: p6178@ismat.pt
[2] Prof Catedrático da Universidade Atlântica. Instituto Universitário.
Email: fromana@uatlantica.pt
[3] Prof Especialista do ISCE/ Instituto Superior do Vale do Tejo.
Email: luisbarrosa@gmail.com
[4] Mestre Eng. e empresário do Montado do Freixo do Meio.
Email: alfredosendim@herdadedofreixodomeio.pt

Resumo

A Terra, na sequência da sua formação enquanto Litosfera (durante 16 mil milhões de anos) inicia uma lenta criação da primeira fase da Atmosfera e, posteriormente, da Biosfera (cerca de quatro mil milhões de anos). Enquanto esta decorria, passo a passo, a morte do coberto vegetal não implicava a sua decomposição. As convulsões geológicas posteriores foram sepultando esse mesmo coberto, formando-se, em consequência, gigantescas jazidas, ditas minerais, dos designados "combustíveis fósseis": o carvão, o petróleo e o gás (este, por sua vez, denominado de natural). No decurso dos últimos 450 milhões de anos, a segunda fase da formação da Biosfera "assistiria" à emergência da "decomposição" pela ação dos líquenes/cogumelos, começando, desse modo, a lenta formação dos espaços de biodiversidade e do húmus (um sistema planetário complexo de sequências derivadas de um ciclo, de vida – morte – vida, que temos designado de "evolução das espécies"). A partir da emergência da Noosfera, inaugurada pelo primeiro hominídeo que andou de pé e libertou a mão para promoção da interação com o cérebro (cerca de sete milhões de anos), a humanidade viveu a partir da "vida" proporcionada pela exploração do húmus, em harmonia com a mãe-Natureza. Se reduzíssemos, entretanto, a vida da Terra a um ano civil, para podermos refletir com mais facilidade sobre a vida humana, estaríamos a falar de "uns pares de minutos". Nos últimos 11 mil anos a Terra viu emergir a Revolução dos Cereais (era essa que designámos de "civilização", isto é, o início da especialização de funções), iniciando-se a lenta degradação do mesmo húmus. Sucedeu-lhe o processo de desertificação nas regiões que ironicamente ainda hoje chamamos de "crescente fértil". A produção de máquinas a Vapor (século XVIII), configurou uma nova revolução (designada de industrial, baseada na queima do carvão fóssil), e aconteceu a abundância. Era efetivamente a conjugação da força do Vapor e do conhecimento humano traduzido pela emergência da Organização (com duas tendências contraditórias, a da cooperação e a da destruição criativa "schumpeteriana"). A Revolução quase simultânea

da Eletricidade e do Petróleo (finais do sáculo XIX) lançaria a humanidade na disputa entre os dois modelos de organização dominantes (designados, simplisticamente de liberalismo e de socialismo). Entrámos depois, como se não houvesse amanhã, precisamente em 2007 (o ano em que a economia começou a decrescer, segundo Jancovici, 2019), na era do pós-petróleo (a que não será estranha a luta pelo controlo do precioso "ouro negro", pelo gigante americano). Chegámos, por outro lado, ao limite atual de destruição quase total da vida selvagem (reduzida a 4%), da contaminação dos solos (esta ultrapassou já os 70%), para não falar da poluição da atmosfera (esta está com 60% mais de humidade ou de outros gases com efeito de estufa) e dos mares. Estamos na era do aquecimento global por efeito da ação humana. A humanidade vê-se, entretanto, envolvida numa nova era de dominação por esquemas financeiros de muito difícil compreensão (como explica Alex Kainer nos seus trabalhos de análise financeira), confrontando-se, um pouco às cegas, numa guerra total, entre a dominação global neo-colonialista e a resistência soberanista de alguns povos, sem que se perceba como chegámos a este grau de destruição, em pouco mais de uma geração. Como espetadores, concentrados num estádio desportivo, em que os atores, como novos gladiadores, se guerreiam à morte, nós parecemos esperar passivamente que os problemas do desenvolvimento sustentável se resolvam pela técnica e pela ação dos governos. Em lugar de uma cidadania ativa, temo-nos deixado converter em consumidores de "Pão e Circo", levados por uma lógica implacável. Mas, a guerra é a sério e ela irá chegar às "bancadas dos espetadores", diretamente ou através das sequelas Como se desenrolará a fase do pós-petróleo? Essa é a dúvida principal do nosso tempo e à qual se impõe uma resposta. Vejamos se é possível antever uma porta de saída. O equilíbrio do homem e da natureza (comprometido em parte pela desflorestação da revolução dos cereais) foi definitivamente rompido com a revolução industrial, acelerando, entretanto, com o advento da era do petróleo e a ação consumista da nossa geração. Agora, toda a economia está dependente do petróleo,

quando ele já ameaça rarear, para além de que o clima não aguenta mais a acelerada transformação de combustíveis fósseis em CO2 (sob a forma de gás na atmosfera). Como cidadãos deparam-se-nos duas opções: continuarmos embalados pelas soluções económicas do globalismo financeiro (potenciado pela "poderosa" IA), que pode ter sofrido um colapso no dia 28/2/2026; assumirmos um corte com a narrativa do império, estando atentos a todos os sinais fracos que antecipam uma nova atitude na produção e no consumo, em apoio dos pioneiros da nova era da biodiversidade e da exigência da transformação das monoculturas industrializadas em experiências agroflorestais (de inspiração local e pouco exigentes em gastos de combustíveis fósseis). Estamos certos de o futuro da vida e da humanidade estão intimamente conectados e que eles dependem de uma nova ordem económica liberta do poder do "petrodólar", criada, entretanto, a partir da consciência agroecológica dos cidadãos comuns. Nós continuaremos lutando para que as pessoas (de todas as idades) despertem, antes que seja tarde demais.

Palavras-chave: jazidas de combustíveis; húmus; revolução dos cereais; desflorestação; esgotamento dos recursos; ideologia da era do pós-petróleo[5].

Abstract

The Earth, following its formation as the Lithosphere (over 16 billion years), begins a slow creation of the first phase of the Atmosphere and, later, the Biosphere (about four billion years ago). Whilst this was taking place, step by step, the death of the vegetation cover did not result in its decomposition. Subsequent geological upheavals gradually buried this vegetation cover, consequently forming gigantic deposits – known as mineral deposits – of what are termed 'fossil fuels': coal, oil and gas (the latter, in turn, referred to as 'natural gas'). Over the course of the last 450 million years, the second phase

[5] Ver reflexões de Alain Soral acerca de uma reinvenção da neocolonização do mundo, pela ideia de anti-valor, contra os países ocidentais: https://reseauinternational.net/entretien-avec-alain-soral-a-moscou/

of the biosphere's formation would 'witness' the emergence of 'decomposition' through the action of lichens and fungi, thereby initiating the slow formation of areas of biodiversity and humus (a complex planetary system of sequences derived from a cycle of life–death–life, which we have termed the 'evolution of species'). From the emergence of the Noosphere, ushered in by the first hominid to walk upright and free its hands to facilitate interaction with the brain (around seven million years ago), humanity has lived off the 'life' provided by the exploitation of humus, in harmony with Mother Nature. If, however, we were to condense the Earth's history into a calendar year, so that we might reflect more easily on human life, we would be talking about 'a couple of minutes'. Over the last 11,000 years, the Earth has witnessed the emergence of the Cereal Revolution (which we have termed 'civilisation', that is, the beginning of the specialisation of roles), marking the start of the slow degradation of that very humus. This was followed by a process of desertification in the regions which, ironically, we still refer to today as the 'Fertile Crescent'. The production of steam engines (18th century) marked the start of a new revolution (known as the Industrial Revolution, based on the burning of fossil coal), and abundance ensued. It was, in effect, the combination of the power of steam and human knowledge, reflected in the emergence of organisation (with two contradictory tendencies: cooperation and creative destruction). The almost simultaneous Revolution of Electricity and Oil (late 19th century) would plunge humanity into the struggle between the two dominant models of organisation (simplistically termed liberalism and socialism). Instead of cooperation in contradiction, (seeking mutual gains, agreements, and a broad consensus), we were launched into a developmental fury based on the pursuit of humiliating our opponents. This fury was so overwhelming that, within the span of a generation (in the last 80 years), almost without noticing the emergence of the 'greenhouse effect' (with a warning in the 60s/70s), we passed the peak of oil production (2008). We have entered, as if there were no tomorrow, précisément en 2007 (l'année où l'économie a commencé à ralentir, selon Jancovici, 2019),

the post-oil era (to which the struggle for control of the precious 'black gold' by the American giant will be no stranger). We have, on the other hand, reached the current limit of almost total destruction of wildlife (reduced to 4%), soil contamination (which has already exceeded 70%), not to mention air pollution (which has 60% more humidity or other greenhouse gases) and the seas. We are in the era of global warming caused by human activity. Humanity thus finds itself embroiled in a new era of domination by financial schemes that are difficult to comprehend (as Alex Kainer explains in his financial analysis), confronting each other, somewhat blindly, in a total war, between neo-colonialist global domination and the sovereign resistance of some peoples. As spectators, concentrated in a sports stadium, where the actors, like new gladiators, fight to the death, we seem to passively wait for the problems of sustainable development to be solved through technology and government action. Instead of active citizenship, we have let ourselves be turned into consumers of "Bread and Circuses." But the war is serious, and it will reach the "spectator stands," directly or through the consequences. How will the post-oil phase unfold? That is the main question of our time, and it demands an answer. Let us see if it is possible to foresee an exit door. The balance between man and nature (partly compromised by the deforestation of the cereal revolution) was definitively broken by the industrial revolution, accelerating, however, with the advent of the petroleum era and the consumerist actions of our generation. Now, the entire economy depends on oil, which already threatens to become scarce, in addition to the fact that the climate can no longer withstand the rapid transformation of fossil fuels into CO2 (in the form of gas in the atmosphere). As citizens, we are faced with two options: to continue carried along by the economic solutions of financial globalism (enhanced by the "powerful" A I), which may have suffered a collapse on 28/2/2026; or to assume a break with the empire narrative, being attentive to all the weak signals that anticipate a new approach in production and consumption, supporting the pioneers of the new era of biodiversity and the demand for the transformation of industrial monocultures into agroforestry (locally inspired and not very

demanding in fossil fuel expenditure). We are certain that the future of life and humanity are closely connected and that they depend on a new economic order freed from the power of the 'petrodollar,' created, in the meantime, from the agroecological awareness of ordinary citizens. We will keep fighting so that people (of all ages) wake up before it's too late.

Keywords: fuel deposits; humus; cereal revolution; deforestation; resource depletion; post-oil era.

INTRODUÇÃO

Vivemos um tempo em que parece que a maioria de nós, principalmente depois da designada crise da "Covid-19", deixou de poder acompanhar a evolução do conhecimento crítico relativamente ao que se passa à nossa volta. Temos deixado que a comunicação social, ao serviço de uma espécie de ditadura do "pensamento único", nos desaposse da visão científica da realidade socioeconómica e ecológica. A fragilidade da nossa ação cidadã, tende a converter-nos em espetadores em lugar de nos assumirmos como atores atentos à emergência de fenómenos excecionais (nos termos de Karl Popper).

O homem é responsável pelo seu futuro coletivo e não pode deixar-se reduzir a um espetador passivo, embalado por narrativas que não se seguem aos factos, mas que antes os comandam.

Pertencemos, com orgulho, a uma geração que no seu país colocou um ponto final a 500 anos de colonialismo, pelo que não reconhece qualquer legitimidade a ações que visam prolongar esse período negro do ocidente, na zona do Médio Oriente, colocando-se do lado dos rejeitados e oprimidos, esperando a sua afirmação soberana. Consideramos que a única forma de a imensa riqueza que a Mãe-Natureza acumulou nessa zona da Terra servir toda a humanidade é pela "preservação do espírito comercial" e não pela "vontade de poder" dos derradeiros colonialistas da história. Em momentos críticos coexistem e extremam-se os comportamentos humanos, impondo-se escolhas assumidas, sem

renunciar à defesa dos interesses que unem, em nome do futuro. A natureza acumulou riquezas e conhecimento para as explorar, enquanto o espírito colonialista conduziu à acumulação de potencial destrutivo suficiente para "vitrificar" muitas vezes o nosso planeta único no Universo que nos é próximo.

O CÉU ESTRELADO, A TERRA VIVA E A CONSCIÊNCIA DA RESPONSABILIDADE PELA HARMONIA DA CRIAÇÃO

Os astros, a Terra, existem, são uma realidade;
mas é através de mim que se instalam em vida.
Vergílio Ferreira (Aparição, 1959).

O acesso exclusivo do homem à **consciência** (como expoente da evolução da vida), torna todos os homens, sem distinção de classes, credos ou etnias, responsáveis pelo futuro coletivo da Terra, da humanidade e da paz, de toda a criação entendida como um todo sistémico solidário, parafraseando o Papa Francisco na encíclica "Laudato Si".

I. Kant (em pleno séc. XVIII, quando a paz "perpétua" entre os povos lhe parecia possível pela riqueza trazida pelo trabalho humano potenciado pelo início da revolução industrial convidava-nos, à observação crítica das duas grandes maravilhas (os dois infinitos) em que vivemos "mergulhados". Essa proximidade às referidas maravilhas apenas dificulta o nosso **entusiasmo**[6]. Perdido esse entusiasmo kantiano (na sequência do designado século das luzes), quando mais se impunha que devêssemos ser cautelosos, precisamente porque representamos a consciência da criação, entrámos numa fase de "fúria" predadora de recursos raros, e designámo-la de "civilização" industrial. Impõe-se que apreciemos, de forma crítica, os principais passos do percurso dos últimos 250 anos da vida da humanidade, sob o primado da ação da tecnologia, com total desprezo pela **revelação** que se esconde sob o "manto" de "trabalho" da natureza.

Não seria esta, precisamente, a maravilha escondida, e que possibilitaria a tomada de consciência das duas outras de que fala I. Kant? Sem a árvore não havia homem e, nesta nossa fúria de existir à margem

[6] Palavra de origem grega que significa que "Deus vive dentro de nós e nos incita a um conhecimento reflexivo em busca da verdade".

do espírito crítico nascido da observação, podemos estar a cortar o "galho" da árvore que sustenta a própria vida. Analisemos os dez passos que revelam a entrada num possível caminho sem retorno, de destruição acelerada do "habitat" humano, refletindo, em simultâneo, sobre os "sinais fracos" que nos podem manter dentro de um perímetro de esperança e de ação cidadã. Concluiríamos, sobre a necessidade de um retorno do **entusiasmo**, envolvendo toda a humanidade, pela aprendizagem de uma "ação" de respeito pela **obra da criação do mundo** vivo e humano, (…) pela ação da árvore. Leram bem (!); nós somos o que somos (e seremos) pela ação criadora desta "tecnologia" extraordinária, a mais complexa que existe à face do planeta Terra, a das árvores, mas em condições de biodiversidade e não de monocultura generalizada!

PASSOS DE UM PERCURSO

O que tu me proibias (meu bom reitor) era que eles (os alunos) formassem com as suas mãos mortais uma pessoa nova[7].
Vergílio Ferreira (Aparição)

Propomos um percurso pela "ação" criadora da mais extraordinária tecnologia natural de que a Terra dispõe. A escola, em lugar de mandar fazer redações sobre "imaginarem-se" uma costureira ou um empregado de café, devia selecionar temas que incentivem o respeito pela natureza e pelo outro, como uma tempestade ou dar uma esmola. Falamos das árvores constitutivas do "jardim terrestre", criador, das condições generativas da vida e do habitat humano, o elemento que verdadeiramente garante a "unidade colaborativa" dos povos de toda a nossa querida mãe-Terra:

[7] Em lugar de mandar fazer redações sobre "imaginarem-se" uma costureira ou um empregado de café, o jovem professor do liceu devia selecionar temas como uma tempestade, dar uma esmola. Sente-se bem o rico e o pobre. Assim deveria atuar, dizia-lhe o reitor, naqueles anos de ditadura e do início da era do desenvolvimento industrial baseado no petróleo (compreende-se a preocupação com a mínima perturbação da ordem estabelecida). Neste romance, que abriria a Europa à extraordinária literatura portuguesa, não há, ainda, a mais leve referência àquilo que nos preocupa: a substituição da árvore pela conversão do Alentejo em "celeiro de Portugal".

1- Num período situado entre as origens (**21 mil milhões de anos**) e há **450 milhões** (sem fungos que degradassem as árvores e os outros elementos vegetais), formaram-se grandes jazidas de carvão, de petróleo e de gás dito "natural" (tão fóssil como o próprio petróleo);

2 - Com a emergência dos líquenes, ou dos fungos, e da sua ação conjugada à dos vírus, as árvores começaram a degradar-se e a morrer, deixando de formar-se as jazidas de combustíveis fósseis e iniciou-se a formação do "húmus" que alimentou a biodiversidade que se seguiu ao longo período inicial;

3 - Desde há **sete milhões de anos** (?), o *homo erectus* (a dar credibilidade às descobertas da arqueologia na zona do "Corno de África") teria aprendido a viver a partir dos frutos nascidos da biodiversidade criada pela "tecnologia" de uma natureza que evoluiu para um coberto agroflorestal, traduzido por um coberto arbóreo da Terra que povoava mais de 80% da sua superfície, (4/5 da mesma vida desenvolvendo-se no subsolo);

4 - Há cerca de **11 mil anos** começaram a cultivar-se os cereais, gerando a sociedade sedentária, em torno das cidades (emergentes) no designado "Crescente Fértil", iniciando-se, assim, uma ação de desflorestação massiva[8] (a que se seguiria, por uma ação de degradação do húmus, um processo de desertificação do referido espaço), o qual acompanhou a formação do modelo imperial de governação;

5 - Face ao modelo cerealífero subjacente ao "império", foi-se afirmando, ou sobrevivendo, uma alternativa de sociedade, que viveu e resistiu, "inventando" formas diversas de coexistência entre experimentações associadas ao que hoje designaríamos como agrofloresta ("alimentada" pela ação conjugada das árvores e dos animais domésticos), no âmbito de sociedades sedentárias, à margem da presença cerealífera;

6 - O modelo imperial impôs-se, progressivamente, ao conjunto do planeta, apesar da resistência da civilização agroflorestal até à revolução industrial (há cerca de **250 anos**), rompendo-se (de forma "definitiva"), a partir daí, o equilíbrio entre a vida alimentada pela produção de soluções agroflorestais e a alimentação atual, à base de cereais;

[8] Tratar-se-ia de uma espécie de erro original, trocar árvores de fruto por cereais.

7 - A "descoberta" dos mais de 80 tipos desta matéria prima extraordinária, o "petróleo" (há pouco mais de **100 anos**), associada à grande propriedade e à industrialização da produção agrícola traduzida na monocultura cerealífera (causa e consequência do domínio dos fertilizantes e dos pesticidas sintéticos), conduziram a uma redução dramática do coberto arbóreo da Terra (já inferior a 10%) e passaria a ameaçar a civilização atual baseada nos combustíveis fósseis, que contribuem em mais de 80% no conjunto da atividade humana.

8 - A composição química atual da geosfera (a contaminação dos solos na Europa[9], da água, mas sobretudo ao nível da atmosfera) alterou-se profundamente (gases diversos, nomeadamente o CO2, ou a humidade do ar) com consequências cada vez mais imprevisíveis (tempestades mais frequentes e violentas, picos de calor ou de frio, incêndios devastadores, avanço dos espaços desérticos, etc.);

9 - A situação de guerra (que alguns autores denominam, mesmo, como eterna), em que vivemos desde o fim da 2ª grande guerra, aliada à pretensão exclusivista do controlo dos recursos energéticos (associado ao controlo dos pagamentos resultante do domínio da moeda em que se comercializa), passou a pontuar a nossa existência, mascarada, por narrativas como a da luta pela democracia, a da "inevitabilidade" de impedir pela força o desenvolvimento da bomba atómica[10], o designado "heroico" combate pela emancipação da mulher muçulmana, a qual era livre na Síria[11] (agora, com a libertação ocidental, do ISIS e da Al Qaeda de inspiração judaico-americana, anda de "burka"), bem como tantos outros motivos de igual valia;

---

[9] Ver o comunicado de imprensa do Parlamento da UE de 10/4/2025: Surveillance des sols: accord avec le Conseil sur une nouvelle législation | Actualité | Parlement européen. Não há dúvida de que poderemos continuar a consumir produtos "bio", como promove a UE, (talvez, se forem produzidos em "Marte"!).

[10] O Irão possui a "bomba atómica", como se vê, agora, o estreito de Ormuz.

[11] A Síria que foi um dos países mais ricos do mundo, até à chegada à região, de Israel e da "democracia":
https://www.youtube.com/watch?v=DXDEn1p_CIY&list=TLPQMjcwNDIwMjadEXg4AGbAcQ&index=2

10 - Se tomássemos um ano civil como medida global, é fácil verificar, por parte de uma qualquer pessoa comum, que quando assistimos a uma delapidação perfeitamente estúpida e "furiosa" de recursos fósseis, preciosíssimos para o futuro das gerações humanas, estaríamos a falar, à escala da vida da Terra, de **uma mera fração de segundo**. Assim, começando a existência da Terra, em janeiro, a geração beneficiária do petróleo (a nossa) teria aparecido cerca do instante que precede a última badalada antes da meia-noite de um dia próximo do 4 de novembro).
Vê-se, deste modo, o absurdo das guerras, sobretudo as não-provocadas[12], pelo controlo do petróleo e do gás (entre outros recursos), de que é paradigmática, a atual, no Irão[13]. Podemos identificar quatro fases[14] na sua (habitual) rota perversa: (i) as agências financeiras globalistas provocam o colapso financeiro do país, segundo o modelo de G. Soros (em crescendo até dezembro passado); (ii) infiltram "provocadores-contratados" que destabilizam a ordem pública, assassinando polícias e manifestantes (como existem em todo o mundo), de forma a criar um clima insurrecional; (iii) intervenção armada com o prexto do restabelecimento da "ordem democrática"; (iv) instalação no poder de uma "elite" submissa ao mesmos interesses globalistas. Os interventores obedecem, por sistema, às orientações (sempre previsíveis) das elites financeiras globalistas, geralmente liderados por Israel e pelo seu exército "moral"[15] lado a lado com os EUA e, normalmente, também associados à

[12] Nem Israel, nem os EUA, interrogados sobre esta guerra ilegal, têm sido capazes de explicar porque atacaram. Entretanto, para o controlo das narrativas destinadas à continuação da mesma, em cada caso, precisam, obviamente, de pretextos credíveis, necessitando, em consequência, de falsos ataques "de arrancar os corações sensíveis", como o da inefável presidente da Comissão Europeia, por estes dias. Ver em absoluto: https://www.youtube.com/watch?v=YdhvW8ljQ3U

[13] A antiga Pérsia teria sido o único império que resistiu ao ataque do Império Romano no apogeu da sua força (53 AC). Em inferioridade numérica, o general persa Suréna, na batalha de Carrhes, derrotou sem apelo o general romano Crasso, o homem mais rico do Império Romano, aplicando táticas de guerra assimétrica, em que os persas se tornaram peritos. Ver: https://reseauinternational.net/lhistoire-se-repete-liran-evoque-la-celebre-victoire-de-la-perse-antique-sur-lempire-romain-pour-mettre-en-garde-les-etats-unis-et-israel/

[14] Ver: https://www.youtube.com/watch?v=WEWuzRkG1qM

[15] Ver: https://www.youtube.com/watch?v=cRqzBA9VAnI

Europa dita "otanista". Desde o ensaio geral no "maio de 68" até aos recentes distúrbios na Geórgia e na Ucrânia. Médio Oriente, a situação é algo diferente e muito mais perigosa, porque os EUA, têm vivido, literalmente, dos investimentos dos mesmos países que sustentam o petrodólar[16].

O ex-Presidente Obama alertou a opinião pública americana e internacional das intenções de pretenderem empurrar os EUA para a guerra, durante o seu mandato (2008-2016), com os mesmíssimos argumentos por parte dos líderes israelitas[17]: a democracia, o véu das mulheres, o perigo atómico. Argumento que apareceria a seguir à queda do regime fascista do "Shah", em 1980. O Irão é acusado de querer a "bomba" precisamente quando o ayatollah Khomeini a declara "satânica" porque "destrói a essência da vida humana", como se descobre na obra de referência de Abbas Milani[18].

A narrativa está definida ("o perverso Irão quer destruir o país colonialista, Israel"). O mesmo já se disse de todos os países e movimentos que fazem frente à violência de Israel, fazendo de idiotas os cidadãos do mundo. Assim se justificam os genocídios de Gaza ou do Líbano (ou as atrocidades cometidas pelos seus aliados ISIS e Al Qaeda[19]). Quanto ao Irão, este cometeu apenas o crime de existir e de querer ser soberano, estando no caminho do expansionismo israelita[20]!
Esta guerra "pelo grande Israel", como lhe chama o Cor. D. Macgregor[21], que está a lançar o mundo numa maré de ruína socioeconómica sem precedentes, (de acordo com o economista Prof. Jeffrey Sachs – conselheiro especial de A. Guterres da ONU)[22], chegar-nos-ia pela mão

[16] Ver; https://www.youtube.com/watch?v=siqUqHvD8IM
[17] Ver: https://www.youtube.com/watch?v=-UZc9y70LQQ,
[18] (Milani, 2011).
[19] Ver: https://reseauinternational.net/refuser-de-participer-a-un-monde-qui-tolere-les-pires-atrocites/
[20] Ver: https://www.youtube.com/watch?v=URMOk9Az110
[21] Ver: https://www.youtube.com/watch?v=3sZAZ4eoMHE
[22] Ver esta interessante entrevista:
https://www.youtube.com/watch?v=U6D4jiu9U7M

de D. Trump, contra toda a retórica desenvolvida durante a sua campanha eleitoral[23].

Vejamos, perante tamanhas incertezas, algumas dimensões da atualidade que reputamos determinantes para podermos entender o "instante" presente, através dessa espécie de um confronto "definitivo" na intenção de **controlo exclusivo**, ou da partilha pelo comércio, da riqueza "herdada" por toda a humanidade e com direitos a poder usufruir da sua criação, ocorrida ao longo da história da Terra.

Uma verdadeira "guerra cognitiva" parece estar em curso pela dominação dos espíritos, a diversos níveis da sociedade ocidental, face à qual importa prestar atenção.

ALGUMAS REFLEXÕES COMPLEMENTARES

O meu humanismo não quer apenas um bocado de pão;
quer uma consciência e uma plenitude.
(Vergílio Ferreira - Aparição)

Os **quatro mil milhões de anos** (algo como os três últimos meses do ano) que faltam ainda viver, à Terra (antes de ser, literalmente, engolida pelo Sol), será um tempo de morte lenta? Acreditamos que a história pertence à "virtude da Esperança" e não à "fatalidade da soberba" humana. Somos, assim, levados a questionar alguns dos espaços que escondem possíveis **sinais de esperança**.

Em termos de pesquisa científica própria, temo-nos pautado pela busca de movimentos anunciadores daquilo que referimos como "processo de construção" de uma "**inteligência coletiva**", aprendido junto da ação da Natureza, no contexto das organizações produtivas (Lopes, 2012). Entendemos que este processo de deteção de sinais assenta, a nível macro e micro, na identificação de quatro princípios indiciadores: (i) redundância dos processos, preventiva de emergências com potencial de desorganização do todo; (ii) ideia de rede (e não de hierarquia) e de fomento de espírito colaborativo; (iii) articulação e separação entre a função de gestão de meios de todo o tipo; (iv) trabalho de inspiração e de

[23] Acerca da desilusão de tantos (nos EUA), ver:
https://www.youtube.com/watch?v=hOn7VpaiqbU

controlo, ou seja, de uma liderança legitimada pela aceitação das pessoas. Qualquer projeto, à escala da humanidade pode ser apreciado à luz dos quatro princípios enunciados.

A arte tem o condão de prever o advento do tempo dos que não respeitam a vida das pessoas comuns (camponeses ou operários), que constroem o futuro. Evoquemos a grande literatura. "Como podes, pobre néscio, não ter aprendido que é mais forte criar uma flor (um parafuso…) do que **destruir um império**", perguntava-se Vergílio Ferreira, no Epílogo da sua obra "Aparição"? "Sei o milagre da vida, por isso a morte me humilha. Tu chamaste a ti a força da humilhação. Mas um tirano só é grande aos olhos do cobarde. Tenho pena de ti…"

A história nada tem ensinado a estes "messianistas" sem memória? Falam em povo; mas um povo é, acima de tudo, uma memória que une, que dialoga; não é uma obsessão que destrói a vida em seu redor, como faz a elite israelita desde antes mesmo de 1948, como reconhece o Prof. Yakov Rabkin[24].

As palavras corajosas do Papa Leão XIV (de visita a África) ressoam como a mensagem-guia de uma nova era, que os belicistas, ávidos de petróleo gostariam de fazer esquecer: "*o coração de Deus está despedaçado pelas guerras, pela violência, pelas injustiças e pelas mentiras. Mas o coração do nosso Pai não está nem com os maus, nem com os arrogantes, nem com os orgulhosos: o coração de Deus está com os pequenos e os humildes*".

HIPÓTESE GERAL

"O preço a pagar pela tua não participação na política
é seres governado por quem é inferior."
(Platão, no livro "a República")[25]

[24] Ler algo que nunca pensámos (palavras de Tamir Pardo, associadas, no mesmo jornal, às de J. Matson Heininger, acerca da cumplicidade dos EUA, que estaria no seu ocaso): https://reseauinternational.net/ce-qui-a-pousse-lancien-chef-du-mossad-tamir-pardo-a-dire-quil-a-honte-detre-juif/

[25] Dixsaut (2005).

A nossa hipótese de trabalho assenta na ideia de que os recursos extraordinários acumulados em milhares de milhões de anos, numa boa parte na "litosfera" do Médio-Oriente, não pode pertencer, a "título de herança", ao par "Israel-EUA" mas sim ao mundo inteiro através da liberdade de comércio. O comércio livre de petróleo é, incompatível com a **dominação do Médio Oriente**. Por isso, será necessário que os países soberanistas do mundo se unam contra este plano da criação do império israelita, o "Grande Israel" (do Nilo ao Eufrates)[26]. Para quê? Para que a dupla aliança não possa vir a ter condições de utilizar a sua arma de **controlo global**, a energia, começando por controlar os ativos dos países da região, os mesmos que serviram os interesses do globalismo, com o petrodólar, e que podem vir a ficar, literalmente, sem dinheiro e sem petróleo explorável ou transacionável, segundo as palavras do investigador espanhol, Alberto Iturralde[27] . Que "ironia do destino"!

Não gostaríamos de avançar sem referir o **sofrimento** das pessoas comuns que, em Israel, são vítimas do mesmo movimento conduzido contra os povos da região, a começar pelos palestinianos. Há vítimas? Seria o preço, testemunhado por um autor comprometido com a cidadania em Israel, Gideon Levy (9 maio 2026 - Réseau International)[28], reportando que uma em cada cinco pessoas, no seu país, sofrem de "stresse pós-traumático" agravado.

Nos nossos trabalhos e organizações, temos proposto a hipótese da inferioridade manifesta das soluções organizacionais suportadas pela gestão de uma cultura "neo-taylorista" de inspiração anglo-saxónica (Messine, 1987). Como o autor explicava a gestão dominante no ocidente acreditava de forma quase cega na pretensa superioridade da tecnologia sobre o primado da pessoa e na ideia de que os recursos determinantes seriam os internos à organização. A GERH baseada na pessoa, praticando uma direção orientada pela cultura sociotécnica, devidamente adaptada à

[26] Ver: https://www.youtube.com/watch?v=DXDEn1p_CIY&list=TLPQMjcwNDIwMjadEXg4AGbAcQ&index=2

[27] O que o investigador diz é verdadeiramente terrível para o que designa de futuro das "petro-monarquias". Ver: https://www.youtube.com/watch?v=sWiSUAF35Mc

[28] O artigo tem o título significativo: "La guerre mondiale localisée a déclenché des maladies mentales cliniques chez des millions d'Israéliens".

realidade nacional, seria a garantia do futuro da prosperidade de cada povo.

DESENVOLVIMENTO DAS HIPÓTESES: COMO A POLÍTICA AMERICANA DE IMPOSIÇÃO DA "DEMOCRACIA" SE PODE CONFUNDIR COM A REPRESSÃO (DA VONTADE POPULAR)!

Defendemos a "política do terror sem a qual a virtude seria impotente".
Robespierre (CONVENTION – *séance du 5 février 1794*)[29].

A política da imposição da "democracia" (o mesmo diríamos, da revolução) pela força da espada tem antecedentes, e estes desapareceram, também, pela força da espada. É a advertência (de um momento solene) vinda de Alguém que tinha acabado de ser traído por um Seu amigo, para ser entregue aos Seus inimigos.

Tendo falhado, na estratégia seguida na gestão das empresas, desde o fim dos anos 70, tendo optado por expatriar a produção para contornar a subida de salários na produção, tendo falhado na substituição quase integral do homem pelo robot; tendo os novos países produtores da Ásia obtido êxito na produção de bens e de serviços, os EUA têm-se especializado em dominar pela força e pelo controlo financeiro. Se algum povo lhes faz frente, como é o caso do Irão, avançam para a guerra para impedirem uma transição das economias para a fase do pós-petróleo, certos de que serão sempre os ganhadores de todas as guerras.

Diríamos que a maior derrota do par EUA/Israel e dos seus patrocinadores se prende com o avanço dos seus adversários no domínio das tecnologias energéticas limpas. Esse é o grande desafio que faz do nosso tempo uma era que não tem paralelo na história. A UE, fechada no controlo das narrativas, no caso específico da narrativa[30] anti-russa, parece estar a autoexcluir-se da luta pelo futuro.

Vejamos como se comportam as forças em presença, começando pela guerra no campo ideológico e moral.

---

[29] https://reseauinternational.net/ri-zap-du-11-mai-2026-geo-ingenierie-et-guerre-climatique-contre-liran/
[30] Ver: https://www.youtube.com/watch?v=YagdJ9XD1gg

A GUERRA POR UMA NARRATIVA CREDÍVEL ACERCA DA "SUPERIORIDADE MORAL" DO OCIDENTE

"O cidadão que se não interessa pela política é um cidadão inútil".

(Tucídides, séc. V, A.C.)

Tudo o que temos vivido, nesta primavera de 2026, parece um plano satânico, e como tal, denunciado pelo Papa. Denuncia, sem ambiguidade, a **ilegitimidade total** da guerra do petróleo do par israelo-americano, "desencadeada em profundo desrespeito pelo direito internacional e pelo direito dos povos à autodeterminação" (Oki, 2026)[31].

Parece-nos, de interesse analisar a sanha com a qual se viraram contra um dos polos do poder moral no mundo – precisamente a figura do Papa Leão XIV. Raramente a Igreja Católica tomou uma posição com uma tal firmeza, na defesa da humanidade, sem cedências racistas herdadas do colonialismo.

Diz o Papa: "é hoje mais evidente do que há anos que a escalada dos conflitos armados é motivada principalmente pela exploração dos campos petrolíferos e dos recursos minerais, sem qualquer respeito pelo direito internacional nem pelo direito dos povos à autodeterminação"; "sem uma mudança de rumo" (em ordem à responsabilidade política) e "sem respeito pelas instituições e convenções internacionais" (…), "o destino da humanidade corre o risco de se perder tragicamente", advertiu. São palavras poderosas. Com uma crítica mordaz a Trump e às suas opções guerreiristas contra o Irão[32], o Papa Leão XIV prossegue: "*o **Senhor não***

[31] Faouzi Oki.

[32] O armamento gasto na guerra equivale a 10 vezes as compras anuais do Pentágono, para lá dos dólares despendidos. Acresce que: a operação "Fúria Épica" de Trump destruiu o que restava da autoridade moral dos EUA, sem referir a do regime sionista revisionista de Israel, que este parece nunca a ter possuído, como explica E. Montana (RI, 26/4/2026). Do ponto de vista logístico, a coligação já queimara, por exemplo, num só mês, 4 vezes os mísseis "Patriot" que a Ucrânia utilizou em quatro anos (a capacidade de fabricação era antes da guerra de 550/ano). Agora, mesmo com a verba necessária para continuar a produção, deverá aguardar-se pela boa vontade dos chineses. Para se fazer uma pequena ideia desta magnitude de gastos e de disponibilidades (cerca de 40 dias de guerra), assim como da preparação ideológica (louca e inconstitucional) das Forças Armadas para, enfim, ser humilhado diante do mundo, derrotado por um país não-nuclear, mas ganhando em propaganda. Importa

quer isto *e o seu nome não pode ser profanado pela vontade de dominação, condescendência e discriminação e, em particular, o seu nome nunca deve ser invocado para justificar escolhas e atos de morte*". Apelou ao reconhecimento daqueles que acreditam na paz e têm a coragem de adotar políticas contrárias à tendência dominante e colocam o bem público no centro dos seus objetivos. O Papa também condena frontalmente, o designado "sionismo cristão" enquanto cúmplice ativo do "sionismo revisionista" (uma ideologia integralmente ateísta, totalmente vendida ao "poder do dinheiro"[33], e que passou a deter o poder em Israel). A verdade contra a "narrativa israelense" dominante (patrocinado por um estado totalmente fascista) pode ser compreendida por alguém como os mundialmente conhecidos intelectuais judaicos, Jacob Cohen[34] ou Brovkin, 2023[35].

PARA UMA LEITURA DOS FACTOS

Considero a excelência como a forma mais elevada da igualdade!
(Nicolas de Condorcet)

Refiram-se, alguns **sinais fracos**, um conceito que Ansoff (1975) define como um conjunto de elementos de antecipação de uma realidade já em curso, mas a que poucos prestam atenção. Quais são e como poderíamos, enquanto cidadãos comuns, começar a saber descodificar os

ver (e quase não se pode crer), o canal de " De que Hablan com Rudolfo": https://www.youtube.com/watch?v=dfMT9hnTcIs; ou de L. Kwiatkowski: https://reseauinternational.net/kwiatkowski-les-etats-unis-vaincus-en-iran-trump-sabote-larmee-de-linterieur/

[33] https://reseauinternational.net/le-sionisme-en-perte-dinfluence-au-niveau-mondial-avec-jacob-cohen/

[34] Escritor, analista, cronista, e o autor de livros tão bem documentados como «Le Printemps des Sayanims» (2010, edição de L'Harmattan) e «Le Printemps du complotisme» (2026, edição de Fiat Lux)
Ver para analisar: https://reseauinternational.net/le-sionisme-chretien-sest-empare-de-lesprit-chinois/

[35] O autor defende uma tese relativamente diferente do que é habitual afirmar-se: o amo do império seria Israel, o capataz, seria EUA e os países europeus não passariam de meros vassalos.

factos que nos permitem aceder à ideia de nos podermos libertar da "maldição do petróleo". Diz-se que A. O. Salazar, quando um ministro lhe revela, eufórico, que havia sido descoberto petróleo em Angola lhe respondeu: "só nos faltava mais esta… Vamos é ter guerra"! O certo é que a guerra começaria de imediato, em 1961, comandada por um agente estado-unidense, Gordon Brown, como comprovamos em documentos classificados, da PIDE/DGS, aos quais tivemos acesso, depois do 25/4/1974.

Apresentamos, seguidamente, os sinais de esperança (de eventual superação da rutura de equilíbrio ecológico, em curso acelerado), bem como da ação positiva que eles encerram, ou seja, a gestão profissional e a participação coletiva da base, enquanto fontes de inovação sistemática (Philippon, 2007).

1- Superação radical da energia fóssil, sobretudo no que respeita à tecnologia dos transportes na F. Russa, pela miniaturização dos motores alimentados a energia nuclear, graças a novos materiais que impedem a fuga de radioatividade (os protótipos já funcionam em pleno, em submarinos e em mísseis);

2 - A reinvenção da produção da energia elétrica de base nuclear, igualmente com suporte na "fissão", mas de um metal muito mais abundante, o "tório" (um processo de baixíssima produção de resíduos radioativos, por contraposição aos do "urânio"), por parte da R. P. da China (já em funcionamento);

3 - O avanço de uma tecnologia, radicalmente revolucionária, a da "fusão nuclear" (com uma potência equivalente à da fissão, mas sem qualquer libertação de radiação nuclear); é, precisamente na R. I. do Irão que, sob a inspiração da religião chiita[36] se exige aos seus seguidores que trabalhem, sistematicamente, não para seu bem pessoal, mas para o **bem-estar de todos os povos do mundo**, que aquele processo conhece o maior

[36] Atente-se como esta reflexão do filósofo Sa'di Chirazi, Bani Adam se aproxima, em tudo, à doutrina de S. Tomás de Aquino (desenvolvida na sua obra "De Ente et Essentia"), no mesmo século XIII: "os homens são membros de um mesmo corpo, criados a partir de uma mesma essência. Quando o destino faz sofrer um membro, os outros não podem permanecer indiferente. Se não sentes a dor dos outros, não és digno de ser chamado de ser humano".

avanço científico-técnico, no que respeita à energia limpa, segura e praticamente inesgotável[37];

4 - A deslocação dos centros nevrálgicos da economia mundial para a Eurásia, saindo do designado "ocidente coletivo" dominado pelo petrodólar, que os EUA manipularam durante os últimos 55 anos sem necessidade de produzirem os seus próprios bens, será, certamente, uma boa notícia para os trabalhadores e para os povos ocidentais[38];

5 - Sem o recurso a armas nucleares, Israel, ou mesmo os EUA, podem ser derrotados por povos frágeis (como reconhece, Robert Kagan), o Irão sairá, por certo, reforçadíssimo da guerra, pelo que, a era do domínio hegemónico mundial pela guerra, deverá ceder à era do comércio equitativo;

6 - O relançamento das rotas terrestres (da China à Europa que fizeram o sucesso económico colaborativo da antiguidade), através, agora, de vias-férreas eletrificadas (e não poluentes, ao invés dos navios) que podem percorrer as mesmas distâncias em cerca de 10% do tempo necessário à navegação pelas rotas do mar (dominantes desde a viagem de Vasco da Gama à Índia). Com a opção pelas rotas terrestres, evita-se, em simultâneo, os estrangulamentos nos estreitos, determinados pela opção marítima e os riscos da navegação marítima (40% da poluição mundial).

O mundo está à beira de um "**caos perene"**[39], com consequências graves em termos de crescimento económico negativo e uma situação de emergência climática, para cujo choque duplo não está preparado. A

[37] A enorme maioria das pessoas do mundo, mesmo de entre as mais "esclarecidas", nada conhece destes avanços científicos do Irão, rigorosamente cruciais para o futuro dos nossos filhos. Refira-se que todos os países poderiam ser independentes do ponto de vista da produção elétrica.

[38] A partir dos anos 80, a designada "*reaganomics*" a produção de bens deveria ser deslocalizada para o oriente para destruir a oposição dos trabalhadores à política neo-liberal e neo-colonial, como muito bem explica um relatório de inspiração da UE, a conhecida obra de 1987, de Ph. Messine, com um subtítulo curioso: "Les Saturniens – quand les patrons réinventent la société" (Lopes, 2012).

[39] Ver: https://reseauinternational.net/pourquoi-les-etats-unis-sont-en-guerre-contre-liran-et-pourquoi-cette-guerre-pourrait-marquer-une-pause-mais-ne-prendra-pas-fin/

opção pela política do caos (Hillard, 2025)[40], pela sede de domínio do petróleo não constitui uma boa notícia para os povos. O tempo do pós-petróleo está a chegar e a situação não se parecerá, em nada com o "antes" do petróleo. Será, inevitavelmente, um despertar violento, pleno de imprevisibilidade.

O grave é que avançamos para uma mudança de paradigma económico, com penúria de energia em boa parte do mundo, enquanto na América, a abundância se fará sentir ainda por algum tempo. A mudança está em curso, sem nos apercebermos nem da gravidade da situação, nem do que cada cidadão pode fazer pela paz, sem a qual o mundo não poderá mudar o paradigma eco-económico (como nos tem alertado o Papa Leão XIV). Neste contexto, podemos ou não ser atores e não meros espetadores? O que poderíamos apreender, sobre o que se passa, no âmbito da nossa ação cidadã, porque, ninguém tenha dúvidas, as consequências estão a chegar?

EM CONCLUSÃO …

Num curso pouco se aprende (...);
talvez nos dê uma certa forma de responsabilidade!
(Vergílio Ferreira – Aparição)

Uma transição (consciente ou forçada) impõe-se a muito curto prazo, e essa não passa pelo petróleo. Segundo o investigador Prof. Jean-Marc Jancovici), a transição energética, sob a forma "inconsciente", que temos seguido até agora, implicará uma queda gradual, mas dramática, do Produto Interno Bruto (PIB), um decrescimento real da riqueza disponível de um mínimo de cinco por cento ao ano! Atente-se na enormidade da **crise** eco económica que espera a humanidade, enquanto esta vai passando o tempo a ouvir "vozes" que lhe servem a narrativa preparada pelos culpados de sempre.

[40] Seria necessário promover o caos no Médio Oriente, para que o Messias possa vir e fazer regressar o mundo à ordem. O Messias necessitaria, deste modo, da "ajuda" de dois expoentes da judeo-maçonaria a qual comandaria os EUA e Israel, desde as respetivas origens.

Efetivamente, a transição em ordem a um **retorno** à situação de equilíbrio climático irá ter lugar, "sim ou sim", e esta não poderá ser assegurada pela única via da "evolução tecnológica" (mesmo que pela designada política de descarbonização). Essa solução tecnológica será, **literalmente, impossível,** porquanto os gases de **CO2** continuarão a acumular-se na atmosfera (com a concentração de calor), e/ou no mar, (acidificando-o, matando a vida marinha[41] e provocando o aumento da massa de água salgada pela fusão dos glaciares). A estabilidade dessa molécula deveria ser ensinada em todas as escolas, (dada a sua permanência sob a forma gasosa, sem degradação, por um período mínimo de 10.000 anos ou mesmo de 200.000). Como consequência, apenas disporíamos da "tecnologia" da árvore para conseguir capturar o mesmo CO2 e convertê-lo em coberto arbóreo (fazendo da agro-florestação generalizada a nova base da economia). Esta é a grande área de intervenção cidadã. Como a humanidade necessita de alimentos e de preservação do equilíbrio climático, o futuro passaria, inevitavelmente, pela plantação inteligente (biodiversa e intensiva) de todo o tipo de árvores de fruto, em todos os terrenos disponíveis. Esse futuro deveria ser construído, desde ontem, porque se faz cada vez mais tarde. O que o impede?

Neste **contexto** conclusivo "sistema agroflorestal" seria, uma unidade de um universo pré-delimitado onde espécies florestais, agrícolas e animais, interagem entre si, com outros componentes bióticos e abióticos, formando uma estrutura que, com poucas entradas de fertilizantes industriais, se mantêm, produzindo resultados económica e ecologicamente adequados[42].

O estudo de diversos casos de reversão (necessária e urgente) do "envenenamento" global", por ação do processo de acumulação de CO2, guiar-nos-ia pela via de um novo paradigma económico-ecológico, com alguns investigadores pioneiros[43], mas que tem sido sistematicamente

[41] 20% de todos os corais do mundo já morreram (https://www.youtube.com/watch?v=jVbc9sYAb0s).
[42] Maschio et al. (1992).
[43] Ver, por exemplo, os trabalhos de Nobre e Teixeira (2019).

ensaiado no Montado do Freixo do Meio (sob a liderança do Eng. Alfredo Sendim[44]), das agroflorestas "plantadas" nas herdades imensas da Mata Atlântica (entre outras) do Brasil, trabalhos liderados por Ernst Götsch, ou nas diversas experimentações da designada "economia azul" (ações empresariais que não conhecem a realidade de desperdício), concebida pela mente (que reputamos de "brilhante") do Prof. Gunter Pauli.

As diversas hipóteses levantadas mostram a intervenção possível de cada cidadão e todas assentam na tomada de consciência no valor da ação de cada um, em organizações que se não limitam à espera passiva de soluções técnicas, mas antes abertas à perspetiva sociotécnica que está na origem dos sinais de esperança apontados.

Ao invés do projeto dito "verde", potenciado pela ativista, "Greta Thunberg", que coloca o problema do lado do poder globalista, estas alternativas (a tecnológica e a arbórea), mostram um espaço político aberto aos cidadãos comuns, conduzidos pela sua capacidade de crítica cidadã e pela sua ação de consumidores, conscientes das alternativas alimentares (ou o agroturismo de elevado valor acrescentado, como no caso do Piemonte italiano)[45] à dominância cerealífera.

Terminamos com uma referência face a uma reflexão, da autoria de Edgar Morin. Diz E. Morin que, ao longo da história humana, teríamos visto com demasiada frequência, infelizmente, que o possível se torna impossível. Podemos, por isso, pressentir que as mais ricas possibilidades humanas permanecem com frequência impossíveis de realizar. Mas vimos também que o inesperado pode tornar-se possível e realizar-se. Assim, vimos com frequência que o improvável se realiza mais que o provável. Saibamos, então, esperar o inesperado e trabalhar em função do improvável.

Não esperemos, por "soluções milagrosas" saídas de uma sempre adiada esperança na evolução científica e técnica, porque, nesta etapa de espera de soluções que pudessem dispensar a nossa ação de cidadãos e de

[44] O autor apoia e tem-se apoiado na melhor investigação que se faz no nosso país, sendo de destacar a desenvolvida pelo grupo da Profª Manuela Pintado, da Universidade Católica do Porto.

[45]ttps://www.youtube.com/watch?v=TSq0JOyV_TM&list=TLPQMjQwNDIwMjbbeTVH88ruNA&index=4

trabalhadores, na qual temos vivido, sem espírito crítico, já se perdeu demasiado tempo. As soluções terão de emergir de um trabalho organizado em que cada equipa deverá poder produzir uma pluralidade indefinida de soluções criativas, em favor de uma produção tão "descarbonizada" quanto possível.

Reformulando a síntese conclusiva de I. Kant na sua obra de referência, diríamos que são três as perspetivas sobre a realidade que nos entusiasmam e que iluminam a nossa reflexão: (i) "a contemplação da maravilha do céu estrelado", belíssimo na repetição indefinida de corpos incandescentes em espaços celestes sem fim; (ii) a tomada de consciência do imperativo moral inscrito no âmago do coração humano, que se exalta pela unidade do género humano, na multiplicação de tantos milhares de milhões de seres semelhantes, no decurso dos milénios; (iii) a urgência de lançar um amplo apelo ao apoio esclarecido de ações de **observação** de realizações, belas e pedagógicas, multiplicadas por todos os lugares, à imagem do "centro interpretativo" (agroflorestal e arqueológico) criado pelo Eng. Alfredo Sendim, no Montado do Freixo do Meio, acerca da "atividade específica da **árvore**" no processo de criação e de preservação das condições de vida na Terra.

São as árvores (nomeadamente, os carvalhos, os sobreiros, as azinheiras e tantas outras) que, em condições de biodiversidade, se transformam em guardiãs da vida humana, desde há cerca de 10 mil anos, finda a última glaciação, neste nosso território mediterrânico[46].

Sem a tecnologia da árvore não poderia ter acontecido a vida complexa e a consciência, pelo que não seria possível que "alguém" pudesse contemplar a maravilha do "céu estrelado", de que fala I. Kant. Como é possível não poder perceber-se uma semelhante maravilha – a da ação "criadora" da árvore sobre a Terra? É por esse propósito, o de promover um olhar científico sobre o futuro e da sua relação com a ação da natureza e de poder contribuir para o despertar das opiniões públicas mundiais, que continuaremos a refletir sobre as temáticas evocadas no título deste texto.

[46] Ver: Beltrão Martins et al. (2025).

Refletindo sobre o que já foi feito, desde o Montado do Freixo do Meio aos laboratórios de biologia, desde o Brasil de E. Gotsch ao Faial ou a São Jorge, gostaríamos de terminar, celebrando o canto dos "novos bosques agroflorestais" e sonhando com um futuro dos nossos netos e dos netos dos nossos netos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ansoff, H. I. (1975). Managing strategic surprise by response to weak signals. *California Management Review*, *v. 18, n. 2, p. 21-33, winter.*

Beltrão Martins, R. (Coord.), Babo, P. (Coord.), Fonseca, A.M., Paulo, J.A., Pereira, G.M. & Carvalho, J. (2025). Bolota - Produtos Diretos para Inovar. Em Tomé, M., Lima, T.L.F. (Eds.), Os Produtos Florestais Não Lenhosos de Portugal Continental (Por publicar). ISAPress.

Diéguez, A. (2026). La Bible et l'invention de l'histoire d'Israël. Réseau International, 10 maio.

Dixsaut, M. (2005). Pourquoi le politique? *Les Études philosophiques, 3, n° 74, p. 289 - 294*. DOI 10.3917/leph.053.0289

Hillard, P. (2025). *Histoire politique et mystique des temples de Jérusalem du Roi David à Benyamin Netanyahou: Comprendre le projet de construction du troisième temple*. Paris: The Book Edition.

Kagan, R. (2026). Checkmate in Iran: Washington can't reverse or control the consequences of losing this war. In *The Atlantic, 10 mai*.

Karp, A., C. e Zamiska N., W. (2025). *The Technological Republic: Hard Power, Soft Belief, and the Future of the West.* NY: Crown Currency.

Lopes, A. (2012). *Fundamentos de Gestão de Pessoas*. Lisboa: Sílabo.

Lopes, A. (2025). *O caso Portucel Embalagem*. In Coordenação de João Freire: *Seis Ensaios sobre o Trabalho Industrial*. Lisboa: Manufatura.

Maschio, Lucila M. de A., Medrado, Moacir José Sales, Rodigueri, Honorino Roque e Montoya, Luciano Javier (1992). *A Agrofloresta na ótica da teoria de sistemas.* https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/300041/1/AgroflorestaOtica0001.pdf

Messine, Ph. (1987). *Les Saturniens: quand les patrons réinventent la Société.* Paris: La Découverte.

Milani, A. (2011). *The Shah.* New York*:* Palgrave Macmillan.

Morin, E. (2000). *Os setes saberes necessários à educação do futuro.* São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO. https://archive.org/details/MORINEdgar.OsSeteSaberesNecessariosAEducacaoDoFuturo/page/n15/mode/2up

Nobre, Marina Zimmermann Pacheco e Teixeira, Maria Inês Barreto (2019). *Agrofloresta Regenerativa: princípios básicos e uma reflexão sobre a sociedade atual.* Ver: https://reflorestar.pt/wp-content/uploads/2023/02/Artigo-Agrofloresta-Regenerativa.pdf

Oki, F. (2026). "Le Pape critique la guerre contre l'Iran". *Réseau International, 25 abril.*

Petitjean, O. e du Roy, I. (2026). *1868: Les barons voleurs [Union Pacific, Standard Oil (ExxonMobil, Chevron), Carnegie Steel (US Steel)].* P.: 80 à 82. In Broquère, Ph. e Sanchez, M. (2026). *Les Barons Voleurs du Nouvel Ordre Mondial: De Rothschild à Zelensky*. Philippe et Manuel. Paris: The Book Edition.

Philippon, Th. (2007). *Le capitalisme d'héritiers: la crise française du travail*. Paris: Seuil.

Todd, E. (2026). Emmanuel Todd: y a-t-il une vie sociale après la religion?. RI, 17 mai.

Brovkin, V. N. (2023). From Vladimir Lenin to Vladimir Putin - Russia in Search of Its Identity: 1913–2023. London: Routledge.

Creative Commons Attribution License | This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License (CC BY). The use, distribution or reproduction in other forums is permitted, provided the original author(s) and the copyright owner(s) are credited and that the original publication in this journal is cited, in accordance with accepted academic practice. No use, distribution or reproduction is permitted, which does not comply with these terms.